

PROTOCOLO DE ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM: VISÃO DO ENFERMEIRO NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA

Elisângela Cristina de Campos⁽¹⁾, Violeta Campolina Fernandes⁽²⁾, Regina Stella Spagnuolo⁽³⁾

Os governos municipais têm o compromisso de colaborar e responsabilizar-se pela gestão dos serviços de saúde por meio de ferramentas normativas que busquem resolver os problemas da população de maneira ágil. Dessa forma, as secretarias municipais de saúde têm importante papel no cumprimento das políticas pactuadas pelo Ministério da Saúde, se utilizando de protocolos assistenciais que materializem a integralidade do cuidado. Para além das questões assistenciais e normativas, este instrumento proporciona ao enfermeiro valorização, processos de trabalho sistemáticos, com respaldo, segurança, autonomia, eficiência e eficácia. Em busca de adequar a assistência e atender ao proposto na legislação, um município do interior paulista, optou pela elaboração do Protocolo de Assistência de Enfermagem (PAE). Esse processo constituiu-se a partir da divisão dos temas em saúde da criança, adulto, idoso, e da mulher, compartilhado com as enfermeiras assistenciais, levando em consideração a experiência prévia de cada uma e tendo como referência documentos ministeriais (portarias, cadernos de atenção básica), pareceres do Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo, protocolos da Secretaria do Estado de São Paulo e assistenciais de outros municípios disponíveis em meios eletrônicos. Posteriormente à minuciosa revisão de todo o projeto, este documento foi encaminhado ao gestor municipal de saúde para aprovação e em seguida submetido à avaliação do Conselho Municipal de Saúde, atendendo às exigências da legislação vigente. Essa pesquisa objetivou conhecer os desafios na construção e implantação de um instrumento assistencial para realização da consulta de enfermagem (CE) em um município do interior paulista na visão de enfermeiros que compõem a Estratégia de Saúde da Família (ESF), desvelar como o protocolo contribui para a efetivação da CE, levantar as dificuldades e facilidades encontradas pelos profissionais durante a elaboração e implantação desta ferramenta. Estudo de abordagem qualitativa onde os dados foram coletados por meio de grupo focal e tratados pela análise de conteúdo e discutidos à luz da integralidade do cuidado. Foram feitos dois encontros norteados por cinco questões orientadoras que buscaram compreender os desafios na construção e implantação de um protocolo de enfermagem. Participaram da pesquisa sete enfermeiras assistenciais que atuavam na ESF, todas do sexo feminino, com idade que variaram entre 23 e 50 anos. Em relação ao tempo de formação variou entre três a 11 anos, sendo três anos (1), quatro anos (1), cinco anos (1), sete anos (1), 10 anos (1), 11 anos (2). Dentre as sete participantes, apenas uma não possui curso de especialização e/ou pós-graduação. Quanto a titulação das participantes pode-se distribuí-las da seguinte forma: Uma mestra, duas mestrandas sendo uma delas especialista saúde pública com ênfase saúde da família e gestão em saúde e a outra com aprimoramento em saúde coletiva, uma especialista em saúde da família. Quanto ao tempo de trabalho na ESF quatro possuem um ano e três participantes têm entre oito e nove anos de experiência. O primeiro grupo focal aconteceu com a presença de seis enfermeiras, uma não pode comparecer por problemas pessoais, e o segundo contou com a participação de sete profissionais. Os encontros ocorreram em dias diferentes e locais não coincidentes com as atividades laborais, com a pretensão de compreender os desafios na construção e implantação do protocolo. A análise dos dados desvelou três categorias: Protocolo de Assistência de Enfermagem – Visão dos enfermeiros: trazendo o significado para a

¹ Enfermeira. Coordenadora de Serviços de Saúde – Fundação UNI. Mestranda em Saúde Coletiva, Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista (FMB – UNESP). E-mail: elisangela.campos@fundacaouni.org.br

² Enfermeira. Doutoranda em Saúde Coletiva, Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista (FMB-UNESP)

³ Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva. Professora Assistente Doutora do Departamento de Enfermagem, Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista (FMB – UNESP).